

JOVENS NA ESQUINA: DRAMAS E SOCIABILIDADES ENTRE JOVENS DA PERIFERIA

LEITE, TIAGO PEREIRA. JOVENS NA ESQUINA: DRAMAS E SOCIABILIDADES ENTRE JOVENS DA PERIFERIA. SÃO LEOPOLDO: TRAJETOS EDITORIAL, 2015

Alexandre José da Silva¹

“Jovens na Esquina”, de Tiago Pereira Leite, é fruto da pesquisa de campo realizada para o seu Mestrado em Ciências Sociais. O trabalho, agora transformado em livro, conduz o leitor pelas complexas tramas que envolvem o cotidiano vivido de jovens da periferia do Município de Paranaguá no Paraná. Isso transcorre sem cometer o erro de utilizar estatísticas descontextualizadas ou cair em generalizações totalizantes, o que, aliás, já faz valer a leitura.

O livro, cujo título e conteúdo lembra – guardadas as devidas proporções – o clássico da antropologia “Sociedade de Esquina” de Foote Whyte, apresenta, além do capricho na editoração, uma cuidadosa reflexão – teórica e empírica – sobre juventude, violência, lazer, drogas e estigmas. A obra está dividida basicamente em duas partes: a primeira, situa o leitor sobre o território da pesquisa e o imaginário dos moradores do bairro; a segunda, foca sua atenção nas representações dos jovens e seus conflitos com os outros: os “noiados” e/ou os “playboys”. Em ambas as partes, percebe-se que, a consciência da heterogeneidade da condição de ser jovem contemporaneamente, permite ao autor evitar vacilos, como, por exemplo, a criação de estereótipos ou a reprodução de sentidos comuns. Não é à toa que nas referências bibliográficas encontramos Teresa Pires Caldeira, com o livro “Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo”, no qual fala de sociabilidades e cidadania em um lugar onde os outros só viam pobreza e violência.

Um dos méritos do autor é, desde a introdução, deixar clara a sua intenção de “fugir do engodo teórico que associa pobreza e delinquência juvenil respectivamente com causa e efeito, contribuindo, assim, para afastar a visão negativista que reduz a importância dos conteúdos simbólicos das práticas observadas em grupos considerados delinquentes, estigmatizados ou anônimos” (p. 14). Nesse sentido, sempre vale lembrar que a tarefa do pesquisador social é reconhecer as dialéticas da vida social e questionar as mentiras que a sociedade usa para sobreviver, o que também foi alcançado a contento. Além disso, na medida em que a leitura avança, é possível perceber que o autor possui domínio das categorias propostas e do método de pesquisa escolhido para desvelar um pouco do que significa ser jovem naquele espaço. Para tanto, o autor escolheu um grupo de oito amigos,

¹ Doutorando e Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Servidor do Ministério Público Estadual.

com idades entre dezoito e vinte e cinco anos, que frequentam uma esquina da periferia da cidade de Paranaguá, para aplicar umas das técnicas privilegiadas da etnografia: a observação participante. Nesse ponto, o autor opta por não fazer uso de uma linguagem excessivamente acadêmica, preferindo sintetizar a metodologia utilizada para coleta de dados e produção do conhecimento apenas como a observação de práticas e vivências cotidianas.

O livro consegue mostrar pelas narrativas e subjetividades dos jovens, os significados do estigma de ser pobre e morador da periferia. As categorias juventude, periferia e experiência, conceituadas ainda na introdução, vão servindo de base e articulação no desenvolver da escrita. Além disso, a opção de operar com oposições e contrastes (à moda de Roberto DaMatta) tem um efeito interessante, especialmente nas relações propostas ao longo do texto entre periferia *versus* centro. As eventuais críticas que poderiam ser lançadas pelo uso de dicotomias perdem sentido quando o próprio autor reconhece as particularidades (e complexidades) das vivências e sociabilidades desses jovens ao afirmar que o grupo não é nem gangue e nem galera. Aqui as mediações são explicitadas a favor do texto e da reflexão social.

Na segunda parte do livro (minha preferida), prepondera a análise dos dados coletados no trabalho de campo. As representações são confrontadas com a teoria social, sem abusar de uma linguagem rebuscada ou pseudocrítica. Aliás, merece destaque essa oportuna ponderação, que agrada vários tipos de leitores e, conseqüentemente, amplia o necessário debate sobre o tema. Ademais, o autor deixa explícitas as ambiguidades nas falas dos jovens, ora o discurso é positivo e ora é negativo sobre o bairro. Da mesma forma, ao enfrentar a questão das relações de poder e de estigma, socorre-se, com acerto, da obra de Norbert Elias em “Os estabelecidos e os *outsiders*”: dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa.

Assim, entre recortes dos depoimentos dos informantes e recortes dos referenciais teóricos, o texto – simples, objetivo e honesto – é tecido nas páginas deste livro. Se poderíamos sugerir ao final da leitura um pouco mais sobre os desafios metodológicos e sobre a antropologia urbana, bem como sugerir o acréscimo de elementos visuais (fotos, desenhos e/ou croquis), certamente nada disso altera os méritos deste trabalho que deve ser lido por todos aqueles que – para além de estereótipos – possuem interesse na área da juventude e seus desafios na contemporaneidade.